

A POESIA DE ALBERTO CAEIRO: ASPECTOS FILOSÓFICOS E RELIGIOSOS

Francisco Eduardo Vieira da Silva
Morgana Soares da Silva*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: A finalidade precípua desta análise da obra de Alberto Caeiro, um dos heterônimos do poeta português Fernando Pessoa, é o levantamento de dados que evidenciem o quão filosófica e teológica é a poesia caeiriana. Assim, sem a pretensão de esgotar suas possíveis e diversas leituras, tentaremos expor o que num primeiro momento parece contraditório: existirem princípios filosóficos e religiosos numa poesia que se diz antimetafísica e descrente.

O presente trabalho analisa alguns poemas de Alberto Caeiro, um dos heterônimos do poeta português Fernando Pessoa. O seu objetivo é traçar um perfil filosófico e religioso da poesia caeiriana. Partimos da hipótese de que a poesia do mestre Caeiro, apesar de ser constituída de versos como *Eu não tenho filosofia, tenho sentidos...* (Pessoa, 1980-a: 37) ou *Não acredito em Deus porque nunca o vi.* (p. 40)¹, carrega em si princípios filosóficos e religiosos que a norteiam.

Segundo apontamentos do próprio Pessoa, era de seu intuito dar vida a um poeta bucólico². Depois de inúmeras tentativas, já prestes a desistir, exatamente em 8 de março de 1914, num golpe de inspiração, Pessoa escreveu mais de trinta poemas de uma só vez. Surgia assim o heterônimo Alberto Caeiro e seu primeiro conjunto de poemas intitulado *O guardador de rebanhos*.

Como fez com todos os heterônimos criados por sua mente fértil, o autor de *Mensagem* elaborou toda uma biografia para Caeiro. Segundo Pessoa, o poeta antimetafísico nasceu em Lisboa, em 1889 e morreu de tuberculose, também nessa cidade, em 1915. De família humilde, Caeiro perdeu os pais logo cedo, ficando aos cuidados de uma tia-avó. Viveu toda a sua vida no campo, teve pouco estudo (só educação primária) e nenhuma profissão definida. Não possuía barba nem bigode (como todos os heterônimos), era louro e de olhos azulados.

A literatura de Caeiro é composta de três conjuntos de poemas. O primeiro, *O guardador de rebanhos*, reúne 49 poemas sem títulos, numerados em algarismos romanos. Nesses poemas, Caeiro esclarece a sua relação com o mundo, a qual poderíamos denominar de antimetafísica. Afinal, toda a sua poesia, dos pontos de vista semântico e axiológico, retoma o verso *Há metafísica bastante em não pensar em nada.* (p. 39).

* Trabalho realizado sob a orientação do Prof. José Rodrigues de Paiva, no segundo semestre letivo de 2001, na disciplina Literatura Portuguesa 4.

¹ A partir deste ponto, nas citações referentes a poemas de Alberto Caeiro, indicaremos apenas o número da página onde se encontra o fragmento ou o poema citado, visto que todas as citações foram retiradas de Pessoa (1980-a).

² Todas as informações sobre a biografia de Caeiro foram retiradas de Pessoa (1980-a).

O segundo conjunto de poemas, intitulado *O pastor amoroso*, é composto apenas de 6 poemas sem títulos e sem numeração. O ponto em comum entre os seis poemas é a figura da mulher amada, à qual, já no título, através do adjetivo amoroso, se faz menção. Com o surgimento da amada, a relação do *eu* com a natureza se intensifica. Porém, enquanto n'*O guardador de rebanhos*, o pensar do poeta se faz apenas *com os olhos e com os ouvidos* (p. 49), n'*O pastor amoroso*, o pensamento reflexivo ocupa o lugar dos sentidos: *Um pensamento visível faz-me andar mais depressa/E ver menos* (p. 97).

O terceiro e último bloco de poemas é nomeado *Poemas inconjuntos*. Trata-se de 48 poemas também sem títulos e sem numeração. Nesses poemas, sai o amor e entra em cena a morte, a qual nos parece pressentida pelo poeta: *É talvez o último dia da minha vida* (p. 129). Tal pressentimento, como tudo no mundo caeirão, é aceito com bastante resignação, conformismo. Também nessa última parte de sua obra, ressurgem, de forma mais contundentes, as críticas feitas à razão.

Os itens seguintes retomarão poemas dos três conjuntos apresentados aqui, a fim de evidenciar, como já dito, alguns aspectos filosóficos e religiosos que transitam na poesia do mestre Caetano.

1. ASPECTOS FILOSÓFICOS

Os poemas de Caetano apresentam uma certa redundância no tratamento do conflito *corpo x alma*, conflito esse que se faz presente através do embate entre o *ver* e o *pensar*. Seus 103 poemas questionam o *logos* ocidental e valorizam as certezas objetivas provindas dos órgãos dos sentidos. A verdade, para Caetano, transcende toda e qualquer elucubração filosófica, pois, a natureza humana, no afã de enxergar além das coisas, fica cega e acaba por não enxergar a verdade única, a realidade fornecida pelos sentidos. É o que explica, no poema IX de *O guardador de rebanhos*, o mestre Caetano:

*Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz. (p. 49)*

Na primeira estrofe, o poeta esclarece o porquê do título *O guardador de rebanhos*, ao estabelecer a relação *REBANHO* → *PENSAMENTO* → *SENSAÇÕES*. Dessa forma, o *pensar* dá lugar ao *sentir* (*Penso com os olhos e com os ouvidos/E com as mãos e os pés/E com o nariz e a boca*).

A realidade, para o poeta, é compreendida com o corpo (*Sinto todo o meu corpo deitado na realidade*). Ele a compreende porque a sente através dos órgãos dos sentidos. Essa forma de compreensão o leva a uma *felicidade epicurista*³, na qual o corpo desfruta da

³ *Epicurismo* foi a escola filosófica fundada por Epicuro, em Atenas, por volta de 300 a. C. Tinha como principal reflexão filosófica a busca do prazer.

verdade e essa lhe traz felicidade só pelo fato de ser verdade. Temos, então, uma outra cadeia relacional: *SENTIR* → *VERDADE* → *FELICIDADE*.

Vejam agora um outro poema de *O guardador de rebanhos*, no qual será retomado o conflito entre o pensar e o sentir — como já dito, uma constante em sua poesia. Nesse poema, o poeta deixa claro como ele percebe a realidade através do sentir, sobretudo através do ver.

II

*O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,

E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar... (p. 35)*

Logo no primeiro verso, o poeta relaciona o olhar com a nitidez, com a realidade. Aqui, afirma novamente Caeiro, que só o *ver* pode nos levar à verdade das coisas. Verdade essa que está em constante mudança, conforme os princípios do devir heraclítico, cuja síntese é a frase *é impossível entrar duas vezes no mesmo rio* (Heráclito). Então, o olhar do poeta para a coisa olhada deve ser um olhar sem julgamentos prévios, pois a realidade muda a cada instante, a cada novo olhar. Por isso, afirma Caeiro no final da primeira estrofe: (...) *o que vejo a cada momento/É aquilo que nunca antes eu tinha visto*.

Visto que o poeta se encontra *nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo*, nada mais adequado a essa atitude do que uma postura pueril perante a realidade. Só a criança na sua relação com o mundo sabe ter o *pasmo essencial* do primeiro olhar, um olhar adâmico, virgem, ausente de qualquer relação com olhares anteriores de outrem e com seus próprios olhares anteriores. Olhar para o mundo dialogando com outros olhares é a gênese das comparações, as quais, do ponto de vista de Caeiro, deformariam a clareza entre o indivíduo e a coisa olhada, ou seja, mascarariam a verdade.

Outro ponto da temática caeiriana, presente nesse poema e reflexo de suas concepções filosóficas, é a relação entre *consciência* e *doença*. Para o poeta, *o mundo não foi feito para pensarmos nele*. Parodiando Descartes, poderíamos dizer que Caeiro *não* pensa, logo existe. Portanto, para ser completo, basta existir, como os rios, as flores e os outros animais, que, ao

contrário do homem, não trazem consigo a *doença da consciência*, a qual, para Caeiro, se constitui dialeticamente: o pensar nos torna doentes e o fato de estarmos doentes nos leva a mergulhar na necessidade do pensamento.

Ainda com relação ao poema *II*, podemos notar traços do *Estoicismo*⁴ em versos como *O Mundo não se fez para pensarmos nele/(...)/Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo....* Essa conformidade com a realidade que se impõe inquestionável ao poeta — fator desencadeador de uma certa indiferença diante dos acontecimentos da vida — faz com que PERRONE-MOISÉS (1990) perceba traços zen-budista na poesia de Caeiro.

O *conformismo* em relação aos acontecimentos do mundo se radicaliza, em alguns pontos da obra (sobretudo em alguns poemas de *Poemas inconjuntos*), a ponto de se assemelhar a um tipo de *determinismo* ou de *fatalismo*. O poema abaixo evidencia isso:

*Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse agradável,
Porque para o meu ser adequado à existência das cousas
O natural é agradável só por ser natural.*

*Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,
Como aceito o frio excessivo no alto do Inverno —
Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita,
E encontra uma alegria no fato de aceitar —
No fato sublimemente científico e difícil de aceitar o natural inevitável.*

*Que são para mim as doenças que tenho e o mal que me acontece
Senão o Inverno da minha pessoa e da minha vida?
O Inverno irregular, cujas leis de aparecimento desconheço,
Mas que existe para mim em virtude da mesma fatalidade sublime.
Da mesma inevitável exterioridade a mim
Que o calor da terra no alto do Verão
E o frio da terra no cimo do Inverno.*

*Aceito por personalidade.
Nasci sujeito como os outros a erros e a defeitos,
Mas nunca ao erro de querer compreender demais,
Nunca ao erro de querer compreender só com a inteligência.
Nunca ao defeito de exigir do Mundo
Que fosse qualquer coisa que não fosse o Mundo. (p. 120)*

Para o poeta, a coisa olhada e o indivíduo que olha são elementos distintos. Um objeto sempre será o mesmo, caso o indivíduo o enxergue ou não, ou seja, o objeto existirá independente de todo ato de consciência do indivíduo. As coisas existem nelas mesmas, em virtude da *inevitável exterioridade* humana, isto é, as coisas existem fora de nossa consciência, e não necessitam de nós.

Resta, então, para o poeta, apenas uma saída: se conformar com a existência das coisas, e aceitá-las como elas realmente são, ou seja, aceitar tanto *o calor da terra no alto do verão*, como *o frio da terra no cimo do inverno*.

Esse raciocínio estoicista ou zen-budista se apóia, inclusive, na *lógica aristotélica*⁵, conforme aponta Alves (1997), pois o poeta segue o princípio da não-contradição. Em outras palavras, para Caeiro *o que é é, e o que não é não é*. Observa-se que, nas últimas duas estrofes

⁴ Assim como o Epicurismo, o *Estoicismo* foi uma escola filosófica fundada em Atenas, por volta de 300 a. C. Zenão, seu fundador, tinha como um de seus lemas aceitar pacificamente os acontecimentos naturais (a doença, a morte etc.) que abatiam a humanidade. Tudo acontece de acordo com o destino, e não por acaso, era o que pensavam os estoicos; *Aceito as dificuldades da vida porque são o destino* (p. 120), era o que pensava Caeiro.

⁵ Aristóteles, fundador da ciência da lógica, trabalhava com relação entre conceitos. Quando Caeiro afirma que *o luar através dos altos ramos é (...)* o luar através dos altos ramos está, pois, pensando aristotelicamente.

do poema, há um verdadeiro jogo com a linguagem: a relação entre o objeto e a palavra (a relação de referência) é biunívoca, como se para cada objeto do mundo houvesse uma determinada palavra; como se as palavras fossem etiquetas adesivas dispostas na mente a fim de serem coladas na realidade extra-mente. Talvez essa visão limitadora de linguagem justifique a rara presença de metáforas nos versos caeirianos, pois o poeta recusa qualquer tipo de comparações entre as coisas do mundo. Nada pode ser comparado, pensado, refletido, mas apenas constatado.

Em alguns poemas, o princípio da lógica aristotélica predomina em todos os versos, como no poema XXXV, de *O guardador de rebanhos*:

*O luar através dos altos ramos
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.* (p. 76)

A idéia base desse poema refrange um outro poema de Caeiro em que ele afirma que *as coisas não tem significação* (p. 80), mas apenas existência. Desse modo, não há mistério algum nas coisas, cujo conhecimento dá-se através do olhar. O homem se engana, ao querer ver nelas mais do que aquilo que se apresenta ao olhar. É possível, inclusive, percebermos aí uma espécie de avesso da teoria das correspondências de Baudelaire. Enquanto que, para o poeta simbolista, *a Natureza é um templo onde vivos pilares deixam escapar, às vezes, confusas palavras*⁶ — ou seja, há uma certa opacidade entre a linguagem e o mundo — para Caeiro, o luar através dos altos ramos *é não ser mais que o luar através dos altos ramos*. Acrescentemos a esse nosso comentário uma passagem bastante esclarecedora de Ferreira (1989) sobre esse princípio norteador da poesia caeiriana:

Nosso julgamento sobre as coisas nos impede de vê-las tais quais são, em sua presença e sua verdade. Dizer, por exemplo, que a noite é triste, é atribuir à noite um sentimento que não está neste fenômeno cósmico que se segue ao dia. O sentimento está no homem que assim o julga. E este homem, transferindo um sentimento seu à noite, deixa escapar a possibilidade de descobrir a noite-noite, a verdadeira, a que tem uma existência real e independente dele. O julgamento do homem ao atribuir à noite sentimentos que são dele, transforma a coisa noite como um véu que atrapalha a visão, e nos dá uma deformação do verdadeiro objeto (p. 24).

Todos esses aspectos levantados aqui nos fazem concluir que Caeiro, através de sua prática poética, se põe contra uma parte da filosofia ocidental, aquela habituada a aceitar que a razão é inerente ao homem. Em paralelo, emerge de sua poesia uma crítica ao positivismo do século XIX. Nesse caso, o *logos* ocidental, paradoxalmente, é negado através de uma outra razão — a razão de não se ter razão —, a razão caeiriana que, antropofagicamente, *devora* a razão positivista, absoluta.

2. ASPECTOS RELIGIOSOS

2.1. A TEORIA DO DESAPRENDER

⁶ O trecho citado corresponde aos dois primeiros versos de *Correspondências*, de Charles Baudelaire.

Segundo Ferreira (1989: 16), o objetivo da poética é (...) *limpar a fala humana de toda a gama de significados usados e estragados pelas bocas dos homens, dos sentimentos banalizados, do anteriormente dito*. Com mestria, Alberto Caeiro, através da sua linguagem poética, limpa a fala humana dos dogmas e tradicionalismos religiosos. Através de uma cadeia argumentativa lógica, o poeta perfaz a religiosidade e cria uma relação própria com o divino.

Numa leitura menos atenta, parece ser Caeiro um poeta ateu. No entanto, numa leitura mais profunda, observamos que

Afirmar que não acredita em Deus não é, para Caeiro, uma confissão de ateísmo. Ao contrário. O Deus que ele rejeita é aquele Deus pequeno e limitado que as religiões têm apresentado aos homens, aquele Deus que habita em templo feito por mão de homem. Caeiro poderia, se o quisesse, encontrar Deus nas coisas da natureza e então não o chamaria de Deus, chamá-lo-ia simplesmente de flores e árvores e montes e sol e luar. (Ferreira, 1989: 34-5).

Para comprovar essa hipótese, devemos retratar o raciocínio lógico resultante da seguinte estratégia (trajeto) argumentativa: (a) NEGAÇÃO: o eu lírico nega a igreja; (b) DÚVIDA: o eu lírico questiona os dogmas preestabelecidos pela igreja, até os mais tradicionais; (c) EXERCÍCIO DOS SENTIDOS: o eu lírico relaciona o divino a elementos que podem ser sentidos na natureza, demonstrando o panteísmo de sua teoria.⁷

Então, podemos dizer que a negação é utilizada como estratégia para afirmar sua teoria. Assim é feito porque essa estratégia argumentativa é mais contundente e persuasiva do que uma afirmação direta. Dessa forma, ao colocar em xeque a teoria tradicional (negando-a), o poeta dá mais credibilidade e aceitabilidade à sua teoria.

2.2.A RELAÇÃO COM O DIVINO: O PAGANISMO

Diante de várias negações presentes na obra caeiriana, um dos fenômenos mais evidentes é a presença do paganismo, já que a relação do poeta com o divino é bastante singular, como visto no item anterior. A noção do *paganismo* em Caeiro é conceituada por Pires Filho (1995) como

(...) um objetivismo absoluto, que se explica através de um respeito e de uma veneração pelas coisas com as quais devemos entrar em relação de intimidade, de amizade e de amor, independente de qualquer pensamento, de qualquer raciocínio sobre sua natureza íntima, sua essência ou sua composição, porque todos esses conceitos são vazios, puras categorias mentais sem nenhum valor nem consistência. (p. 184).

Observa-se que, em alguns poemas de *O Guardador de Rebanhos*, Caeiro teoriza sobre o que ele concebe como divino, Deus e religião. Por isso, esses poemas são os maiores representantes desse heterônimo, mestre de todos os outros. Para comprovar essa hipótese, vejamos alguns poemas da referida obra:

V⁸

(...)

Que idéia tenho eu das cousas?

Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?

Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma

E sobre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos

⁷ Etapas apresentadas por Ferreira (1989).

⁸ Devido à extensão do poema V, foram transcritas apenas as estrofes importantes para o entendimento dos pontos levantados pela análise.

*E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).*

(...)

*Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou!*

*(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)*

*Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.*

(...)

*E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora. (p. 39-41)*

VI

*Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou...*

*Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos!... (p. 42)*

No poema *V d'O Guardador de Rebanhos*, podemos encontrar a primeira grande afirmação de Caeiro sobre o divino: a de que *Para mim pensar nisso é fechar os olhos/E não pensar*, pois a relação do poeta com Deus se estabelece (como sua visão filosófica) na ausência do pensar:

*E amo-o sem pensar nele,
E ando com ele a toda a hora.*

Os versos acima relatam que para amar a Deus temos que nos despojar de tudo, assim como fazem as coisas criadas, como as árvores e as flores.

O seguinte trecho do poema *VI* refuta essa hipótese inicial:

*Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou.*

Aqui vemos, segundo Ferreira (1989), que não adianta tentar humanizar o mistério divino. Em outras palavras, Caeiro critica a visão humana de Deus, colocando-se longe da tradição cristã.

Na segunda estrofe do poema *VI*, Caeiro prega que se não questionarmos, se apenas aceitarmos a Deus calma e simplesmente, atingiremos o *céu*. Segundo Ferreira, esse trecho evidencia a premissa de que *se formos simples e calmos, Deus nos acolherá*.

2.3. NEGAR PARA AFIRMAR

Como já dito no item 2.2., há todo um processo singular de argumentação e de tentativa, por parte de Caeiro, de comprovar sua hipótese de que Deus não está em outra dimensão, longe do homem, mas sim, próximo de nós, nas flores e nas árvores, podendo ser sentido, pois o eu lírico assim se expressa:

E penso-o vendo e ouvindo.

O trajeto argumentativo pode ser observado nas seguintes enunciações do eu lírico, no poema *V*, em que ele nega para afirmar:

□ Negação

*Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou!*

A negação é estabelecida através de palavras que conotam negatividade e expressão antitéticas, recursos observados em todo *O Guardador de Rebanhos*. O emprego do subjuntivo demonstra um lugar da atualização de algo que, se acontecesse, criaria obstáculos à aprendizagem do desaprender (processo proposto por Caeiro) em relação ao divino.

□ Afirmação

*Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.*

A afirmação de crer no divino porque o vê demonstra a fase do exercício dos sentidos. No trecho supracitado, constatamos que o eu lírico crê em Deus, mas através de uma relação divina estabelecida no sentir e *não* no pensar. Deus é a Natureza e está Nela; não devemos pensar sobre ele, pois a fé não se questiona, se sente.

2.4. PRIMEIRO O ESPANTO, DEPOIS A VENERAÇÃO: UM POEMA SINGULAR

No poema *VIII* de *O guardador de rebanhos*⁹ deparamo-nos com o espanto e a veneração. Na leitura da primeira parte do poema (até a sexta estrofe), a dessacralização de

⁹ Ver o poema em anexo.

vários dogmas e elementos cristãos (a *trindade*; a *crucificação*, através de símbolos como a *cruz* e o *prego*; a *pomba*; as figuras de *Maria* e de *José* etc.) nos causa um total espanto, principalmente, na segunda estrofe, trecho em que há uma explícita negação de preestabelecidos. Frases negativas, como

*E que não era pai dele;
Porque não era do mundo nem era pomba;
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter;
Não era mulher: era uma mala.*

conotam um profundo niilismo, em que, mais uma vez, as orações negativas são utilizadas para reforçar sua afirmação.

Ainda na primeira parte, o eu lírico também estabelece o jogo do NEGAR → DUVIDAR → AFIRMAR, mas ainda se detém às duas primeiras etapas. Na quinta estrofe, fica bem demarcada a negação, com o objetivo de singularizar-se como poeta, constituir-se como um *Eu enunciator* e *Sujeito original*. A negação se dá através de advérbios, pronomes e conjunções, que ao lado de outras palavras dão uma carga semântica de contrário¹⁰, como em: *Diz-me que Deus não percebe nada*.

O verso *Se é que ele as criou, do que duvido* instaura a segunda parte da estratégia argumentativa, a *dúvida*, estratégia essa demarcada pelo uso do modo condicional¹¹ e pelo próprio verbo duvidar. Essa fase é a marca de uma posição crítica do eu lírico em relação à realidade.

Depois do espanto, a veneração: a partir da sexta estrofe, deixa-se de negar e duvidar do divino e passa-se a venerá-lo através do *sentir*. Essa terceira fase — o exercício dos sentidos — é tão visível no poema *VIII*, que o menino Jesus deixa de ser uma figura apresentada pela tradição cristã, como aquela figura que veio à Terra e depois *subiu ao céu e está sentado à direita de Deus pai todo poderoso, de onde há de julgar os vivos e os mortos*¹². Passa Jesus à condição humana, próximo do eu lírico, na figura de uma criança de pés descalços, que dorme, corre e brinca como qualquer outra. A partir dessa estrofe o poeta reelabora tudo o que foi negado, afirmando que tem fê, mas uma *fê do sentir*, não do pensar, por isso o menino Jesus é verdadeiro (*Que ele é o Menino Jesus verdadeiro*). O divino deve, segundo Caeiro, ser sentido e estar ao nosso lado. Os versos abaixo ratificam isso:

*E a criança tão humana que é divina
(...)
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.*

Também identificamos, no primeiro verso da estrofe acima, uma construção antitética (humano/divino) que reforça ainda mais a assertiva, ao invés de haver apenas a afirmação.

Na segunda parte do poema, concretiza-se poeticamente a teoria do sentir, na qual o homem não precisa pensar sobre o divino, bastando senti-lo na natureza. Podemos comprovar essa teoria nas estrofes oitava e nona, principalmente nos versos:

¹⁰ Ferreira faz esse levantamento estatístico.

¹¹ Em outros trechos, identificamos algumas construções que estabelecem a dúvida através de: subjuntivo, particípio presente e infinitivos (ações possíveis, prováveis, de sujeito incerto).

¹² Trecho da oração *Credo*.

*A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.*

e

*Damo-nos tão bem um com o outro
(...)
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.*

Também fica evidente, na segunda parte, que há um desejo confesso de criticar a natureza humana. O trecho abaixo comprova a nossa hipótese de que o que é criticado não é o divino, mas a visão humana do divino:

*Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade*

Por último, apontemos o ápice do poema, trecho que reforça a nossa teoria de que o poeta elabora um *eu enunciator* que tenta se estabelecer como um *sujeito original*:

*Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?*

Tudo isso nos faz constatar que a poesia de Caeiro:

(i) apresenta as três etapas estabelecidas por Ferreira (1989); (ii) nega e critica os dogmas estabelecidos pela igreja, não a existência do divino; (iii) é marcada pelo paganismo, e não pelo ateísmo; (iv) é uma crítica à visão que o homem tem do divino, não do divino propriamente dito; (v) tem a intencionalidade de expressar mais verdadeiramente o divino, se comparada à tradição religiosa e filosófica, pois o vê de forma simples e natural.

2. CONCLUSÃO

Todas essas reflexões feitas aqui sobre a poesia de Alberto Caeiro, a princípio, poderiam ser taxadas de contraditórias. Afinal, como podemos atribuir princípios filosóficos e religiosos a alguém que se julga isento de qualquer tipo de filosofia e de religião? Entretanto, como percebido neste trabalho, atrelados a sua visão antifilosófica e anti-religiosa, há princípios norteadores de toda sua prática poética. Realmente, não podemos dizer que seus escritos são teorias filosóficas e religiosas, visto que antes de eles constituírem teoria, constituem poesia. Em outras palavras, o que denominamos aqui de princípios filosóficos e religiosos de Alberto Caeiro somente podem existir no contexto de sua poesia.

A síntese temática de sua obra poética é a dicotomia *corpo x alma*, que vem à tona através do confronto entre *o que existe para os sentidos* e *o que é pensado sobre o que existe para os sentidos*. Conforme vimos, Caeiro recusa qualquer tipo de elucubração metafísica: para ele as coisas prescindem de nossa consciência, portanto não têm sentido, mas sim

existência. O sentido é atribuído pelo homem, que, tentando explicar as coisas, as mascara, as transfigura. Daí advém a apologia do *ver* e o desprestígio do *pensar*.

É essa crítica ao pensar que fundamenta suas concepções religiosas. De acordo com nossa análise, Caeiro recusa o *pensar sobre o divino*, pois para o poeta — que não admite a existência de algo não sentido no mundo físico — caso Deus exista, é a própria Natureza. Dessa forma, assim como é irrelevante e doentio pensar sobre a Natureza, é irrelevante e doentio pensar em Deus, pois isso seria *desobedecer a Deus, porque Deus quis que o não conhecêssemos, por isso se não nos mostrou* (p. 42).

É por ter tais convicções que Caeiro resplandece uma existência tão pacífica, capaz, inclusive, de causar inveja aos demais heterônimos. Ao contrário de Álvaro de Campos e Ricardo Reis, por exemplo, Caeiro desconhece a angústia, o conflito interior, pois, livre das instabilidades espirituais advindas de ocorrências felizes ou funestas, está sempre em paz consigo e com a Natureza. Assim é o espírito do Mestre Caeiro, o Mestre de todos os heterônimos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Marcelo. (1997). Farmácia A. Caeiro: sobre as possibilidades de cura de uma doença tipicamente humana. In: *Anuário de Literatura*. Florianópolis: Editora da UFSC. v. 5. pp. 161-74.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. (1989). *A anti-poesia de Alberto Caeiro*: uma leitura de “O guardador de rebanhos. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano.
- PIRES FILHO, Ormindo. (1995). Caeiro: paganismo em prosa e verso. In: *Estudos Portugueses*: Fernando Pessoa revisitado. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano. n. 5. pp. 171-86.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. (1990). *Fernando Pessoa*: alguém do eu, além do outro. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- PESSOA, Fernando. (1980-a). *Ficções do Interlúdio/I*: poemas completos de Alberto Caeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1980-b). *O Eu profundo e os outros Eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ANEXO

VIII	[outra vez homem	Não era mulher: era uma mala	Hoje vive na minha aldeia
Num meio-dia de fim de	E subir para a cruz, e estar	Em que ele tinha vindo do céu.	[comigo.
[primavera	[sempre a morrer	E queriam que ele, que só	É uma criança bonita de riso e
Tive um sonho como uma	Com uma coroa toda à roda de	[nascera da mãe,	[natural.
[fotografia.	[espinhos	E nunca tivera pai para amar	Limpa o nariz ao braço direito,
Vi Jesus Cristo descer à terra.	E os pés espetados por um prego	[com respeito,	Chapinha nas poças de água,
Veio pela encosta de um monte	[com cabeça,	Pregasse a bondade e a justiça!	Colhe as flores e gosta delas e
Tornado outra vez menino,	E até com um trapo à roda da		[esquece-as.
A correr e a rolar-se pela erva	[cintura	Um dia que Deus estava a dormir	Atira pedras aos burros,
E a arrancar flores para as deitar	Como os pretos nas ilustrações.	E o Espírito Santo andava a voar,	Rouba a fruta dos pomares
[fora	Nem sequer o deixavam ter pai e	Ele foi à caixa dos milagres e	E foge a chorar e a gritar dos
E a rir de modo a ouvir-se de	[mãe	[roubou três.	[cães.
[longe.	Como as outras crianças.	E, porque sabe que elas não	
	O seu pai era duas pessoas...	[gostam	
	Um velho chamado José, que era	E que toda a gente acha graça,	
	[carpinteiro,	Corre atrás das raparigas	
Tinha fugido do céu.	E que não era pai dele;	Que vão em ranchos pelas	
Era nosso demais para fingir	E o outro pai era uma pomba	[estradas	
De segunda pessoa da Trindade.	[estúpida,	Com as bilhas às cabeças	
No céu era tudo falso, tudo em	A única pomba feia do mundo	E levanta-lhes as saias.	
[desacordo	Porque não era do mundo nem		
Com flores e árvores e pedras.	[era pomba.		
No céu tinha que estar sempre	E a sua mãe não tinha amado		
[sério	[antes de o ter.		
E de vez em quando de se tornar			

[cousas.
Aponta-me todas as cousas que
[há nas flores.
Mostra-me como as pedras são
[engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido
[e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes
[da eternidade a fazer meia.
E o Espírito Santo coça-se com o
[bico

E empoleira-se nas cadeiras e
[suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a
[Igreja Católica.
Diz-me que Deus não percebe
[nada

Das coisas que criou
«Se é que ele as criou, do que
[duvido» –
«Ele diz, por exemplo, que os
[seres cantam a sua glória
Mas os seres não cantam nada.
Se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres.»
E depois, cansado de dizer mal
[de Deus,
O Menino Jesus adormece nos
[meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

Ele mora comigo na minha casa
[a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus
[que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que
[brinca.
E por isso é que eu sei com toda
[a certeza
Que ele é o Menino Jesus
[verdadeiro.

E a criança tão humana que é
[divina
É esta minha quotidiana vida de
[poeta,
E é porque ele anda sempre
[comigo que eu sou poeta
[sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do
[que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde
[vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo
[caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo

[comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.
A Criança Eterna acompanha-me
[sempre.
A direção do meu olhar é o seu
dedo apontando.
O meu ouvido atento [alegremente
a todos os sons
São as cócegas que ele me faz,
[brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o
[outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no
[outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco
[pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus
[e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande
[perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das
[cousas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é
[incrível.
Ri dos reis e dos que não são
[reis,
E tem pena de ouvir falar das
[guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-
[mares.
Porque ele sabe que tudo isso
[falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos os muros
[caiados.

Depois ele adormece e eu deito-
[o.
Levo-o ao colo para dentro de
[casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual
[muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais
[pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua
[casa.
Despe o meu ser cansado e
[humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu
[acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu
[brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

Esta é a história do meu Menino
[Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais
[verdadeira
Que tudo quanto os filósofos
[pensam
E tudo quanto as religiões
[ensina

